

26º SEMINÁRIO NACIONAL DE ARTE E EDUCAÇÃO
O ENSINO DA ARTE EM TEMPOS DE CRISE
5º ENCONTRO REGIONAL SUL DA REDE ARTE NA ESCOLA

Arte/Rolê no Buzão: cotidiano/ atentar, observar, andar de ônibus para provocar o start da criação na cidade.

Pedro Elias Parente da Silveira/ Graduando Artes Visuais-CA-UFPel(CNPq)
Tatiana Duarte/ Mestranda PPGAV-CA-UFPel (CAPES)
Leão Jahan/ Graduando Artes Visuais-CA-UFPel(CNPq)
Prof. Dra.Eduarda Azevedo Gonçalves/ CA-UFPel
Juliana Chacon/ Graduanda Artes Visuais-CA-UFPel
Adriane Rodrigues Corrêa/ Mestranda PPGAV-CA-UFPel
Cibele da Rosa Gil / Mestranda PPGAV-CA-UFPel

Resumo: Apresentamos neste texto, reflexões e trabalhos poéticos decorrentes de duas ações realizadas pelo grupo de pesquisa Deslocamentos, Observâncias e Cartografias Contemporâneas (DESLOCC, CNPq). As ações se intitulam "Arte/Rolê no buzão e consistem em deslocamentos realizados pelo grupo na cidade de Pelotas-RS utilizando como meio de locomoção um ônibus circular interbairros. Trataremos aqui também de questões que nos tocaram durante o deslocamento, como: tempo, memória, e outros atravessamentos que serviram como mote para se pensar a produção dos integrantes do grupo, bem como reflexionar sobre a cidade e a arte. Para isso elencamos referenciais teóricos como Jean Baudrillard, Henri Bergson, Michel de Certeau entre outros. Aproximar arte e cotidiano é um dos objetivos destas ações que aqui apresentamos.

Palavras Chave: Deslocamento; arte e vida; "buzão".

Preambular:

Que passasse
deixando intactas as pétalas
você passou por mim
(transpenumbra, de Paulo Leminski)

Neste artigo apresentamos imagens e reflexões suscitadas pela ação artística coletiva intitulada "*Arte/rolê no buzão",* realizada pelo grupo de pesquisa Deslocamentos, Observâncias e Cartografias Contemporâneas – DESLOCC (CNPq/UFPel), em dois momentos, outubro de 2017 e em junho de 2018. Nestas ações, embarcamos num ônibus circular interbairros, que percorre a rota centro-periferia-centro na cidade de Pelotas, localizada no interior do Rio Grande do Sul.

Nos deslocamos com o intuito de prospectar, conhecer as múltiplas facetas compõem a cidade, bem como, coletar subsídios para a produção artística do grupo.

Na primeira parte do texto revelaremos em primeira pessoa do plural os objetivos, métodos e a dimensão teórica da ação, dando a ver um pensamento coletivo que perpassou as reflexões dos participantes do DESLOCC. Na segunda parte a escrita apontará a produção poética realizada por cada um, portanto será redigido em primeira pessoa do singular. Por fim, retomaremos a escrita em várias vozes.

Adotamos a expressão “rolê e buzão” porque são gírias de uso popular, que se referem tanto ao caminhar pela cidade como ao transporte público. A palavra “buzão” redigida com a letra “z” se refere à expressão verbal e escrita que é comumente empregada pela “galera” que usa diariamente o transporte coletivo para se deslocar pelas zonas centrais e periféricas da cidade. Desta maneira damos ênfase no som expressivo do Z.

Primeira parte - o rolê

Estas ações tiveram como prática de prospecção o deslocamento pela cidade, por meio do transporte público. Estes processos ocorreram nos dias 28 de outubro de 2017 e 12 de junho de 2018. O segundo começando com um encontro às 7h45min da manhã em uma parada de ônibus na Rua General Osório na cidade de Pelotas-RS. Embarcamos na linha interbairros, atravessando zonas centrais e periféricas. Durante o trajeto ficamos atentos ao em torno do ônibus e também para seu interior

Nestas se buscou modos distintos de afetar-se pelos diferentes locais que constituem Pelotas, onde residem os membros do grupo. Para alguns era a primeira vez que se deslocavam adentrando os bairros e as zonas periféricas, o que acarretou numa conscientização das diversidades que compõem a cidade na qual vivem. Entendemos o deslocamento não somente como o ato de caminhar, mas

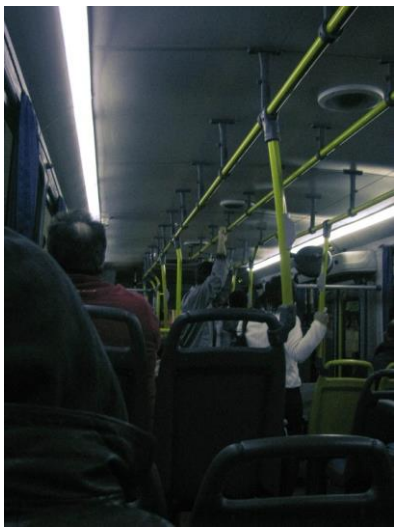
como um conjunto de ações que implicam num outro ponto de vista. Segundo Ludmila Brandão

> Genericamente, deslocar é o ato de mudar algo de um lugar para outro, mas também significa mudança de direção, desvio no sentido do movimento de algum sujeito ou objeto. Essa operação tão corriqueira - afinal, estamos fazendo isso o tempo todo - dá ensejo a consequências nada desprezíveis. Tanto faz se é algum objeto sob nossa guarda que é deslocado (de uma paisagem a outra), ou se somos nós a escolher outro ponto de vista sobre esse objeto, o fato é que o mundo que se constitui a partir desse deslocamento é totalmente outro. (BRANDÃO, 2012).

Assim, observamos as diversas características dos locais que percorremos, dos passageiros e da cidade, acolhemos possíveis ideias e imagens que potencializaram a produção artística de cada componente do grupo. Além disso, percebermos e dialogamos sobre questões culturais e socioeconômicas que caracterizam as cidades brasileiras e, em específico Pelotas.

A cidade aos poucos despertava, revelando um clima melancólico de retomada da rotina por parte de trabalhadores, estudantes, etc. Os passageiros começaram a ocupar espaços, num ir e vir constante que revela o fluxo urbano e nossa condição de transeuntes conduzidos por um transporte coletivo (Figuras 1 e 2).





Figuras 1e 2. Deslocc. Arte/Rolê no buzão. Pelotas junho de 2018: Fonte: Pedro Parente



O ônibus fabricado industrialmente impõe regras ao corpo, modos de sentar e viajar emprega os ritmos e os tempos da labuta cotidiana capitalista, esse, que "foi definido por Marx como um sistema injusto e explorador, em que os meios de produção não pertencem aos que trabalham, mas apenas aos donos do capital" (SCHÖPKE, 2010, p.50). É o transporte que ameniza a distância entre o trabalhador e os locais de trabalhos. É possível verificar que o ônibus liga a cidade do patrão com a cidade dos trabalhadores, já que este é utilizado majoritariamente por pessoas de baixa renda. Quando vamos adentrando as bordas da zona central é possível verificar moradias populares. Isso não é novidade, mas passa a ser cotejado por nós que vivemos no miolo citadino. Olhar para as zonas consideradas invisíveis é um modo de se relacionar de outra maneira com o local que vivemos, assim como subverter a lógica empregado pelo capitalismo ao transporte público, o utilizando para poetizar o mundo. Jean Baudrillard ao refletir sobre o papel que o carro desempenha nas relações sociais, no cotidiano e no sistema de produção global nos fala: "Mais do que em qualquer outro lugar torna se aí perceptível à convivência entre um sistema subjetivo de necessidades e um sistema objetivo de produção" (Baudrillard, 2009, p.74). Diferente do carro, que podemos guiá-lo ao rumo desejado, no ônibus somos conduzidos por um trajeto pré-determinado. Porém, a capacidade de gerar mobilidade sem um grande esforço e a velocidade os aproxima. Assim, Baudrillard atesta:

> A Velocidade tem como efeito, ao integrar o espaço-tempo, reduzir o mundo a duas dimensões, a uma imagem, vem ela livre de seu relevo e de seu devir, entrega-se de certo modo a uma imobilidade sublime e a uma contemplação. ' o movimento', diz Scheilling, ' é somente a procura do repouso'. (BAUDRILLARD, 2009, p 74).

Durante o deslocamento observamos no interior do ônibus os rostos, etnias, gêneros diversos as diferentes cores e sons e o ritmo veloz da cidade. Às vezes ao olharmos para fora, esquecemos que estamos num ônibus e entramos num estado de suspensão semelhante ao revelado no texto de Baudrillard supracitado. Através

dos vidros enxergamos várias cidades numa só. Percebemos assim, que este veículo, permite uma observação privilegiada das várias facetas de nossa sociedade.

A partir desta compreensão, observam-se as relações de cada integrante do DESLOCC com o trajeto e ressaltamos o deslocamento como método de pesquisa e as distintas linguagens do grupo para abordar, agir e reflexionar poeticamente sobre a cidade apresentada no transitar do ônibus. Com o olhar atento ao que se apresentava no entorno durante o deslocamento, cada componente do grupo buscou por meio da geração de registros audiovisuais e fotográficos, bem como desenhos, anotações, cartografias e escritos poéticos, dar vazão para os atravessamentos experimentados durante o percurso.

Procedimentos Poéticos

Tatiana Duarte

Devir Janela: Memória no Arte/Rolê no Buzão

Todos os dias, logo pela manhã, através do bafo do calor das pessoas, a janela fica embaçada, até que ao poucos começa a circular o vento, transparecendo o trajeto, as paisagens da rua, as pessoas. Imagens que ficam como ondas que vão e vem, assim como os sacolejos do ônibus, que ritmam as vidas que ali passam, marcadas por um tempo de saída e chegada para algum lugar. O dia úmido trazia gotas de água que escorriam pela janela, assim como passageiros que atravessavam o ônibus. Percebo que em outros momentos as pessoas deixaram pensamentos, desenhos, frases e nomes escritos não só em cadernos, mas nos bancos, para que pessoas que ali se sentam pudessem ler.

Assim iniciei meu processo, com, lembranças, observações, anotações, fotografias e ocupação dos espaços do ônibus. (Figura 3, 4, 5). Busquei ao prospectar o entorno, palavras, comportamentos e relações estabelecidas entre as pessoas, cidade e o ônibus. Durante o trajeto me questionei: “Como esse ir e vir,

este lugar, pode pôr a memória a ser potencializada em seu trajeto?" Assim, busquei através da colagem, fotografia e performance materializar os atravessamentos experimentados durante as ações.



Figura. 03: Tatiana Duarte. Processos de percurso pela linha de ônibus, interbairros em Pelotas. 2018. Fonte: Acervo Pessoal





Fig. 04 e 5: Tatiana Duarte Processos de percurso pela linha de ônibus, interbairros em Pelotas. 2018. Fonte: Acervo Pessoal

Pedro Elias Parente

Sobreposições de tempos.

Ao entrar em imersão no trajeto e no dispositivo ônibus, elenco pontos de interesse como: a arquitetura da cidade, os passageiros, e as oposições temporais presentes no cotidiano. Assim, atentei para as múltiplas camadas de tempo que se apresentam tanto no interior quanto no exterior do ônibus. Nos rostos, janelas, no vai e vem de passageiros, nos tempos que se entrecruzam e interagem. Em alguns momentos se revelada uma cidade em abandono, edificações que datam de 50, 60 anos atrás fechadas, como baús que guardam a história de Pelotas. Em outras, prédios se erguendo, potencialidades de futuro que ainda não se concretizaram. Dentre os aspectos heterogêneos urbanos, se ressaltam ao meu olhar, as ilhas verdes, onde existe um silêncio, um tempo em suspensão e lento. Por outro lado, os rumores da cidade de concreto e aço, das edificações que bloqueiam a vista apresentam toda a velocidade da contemporaneidade. A janela do ônibus traz à tona estas cidades, que servem de passagem, que passam e viram memórias. Para dar a ver esses múltiplos tempos, procurei trabalhar com fotografias impressas em

lâminas de retroprojetor e busquei na sobreposição dessas imagens a união dos diversos tempos e cidades que se apresentam dentro e fora do ônibus (Figura 7 e 8).

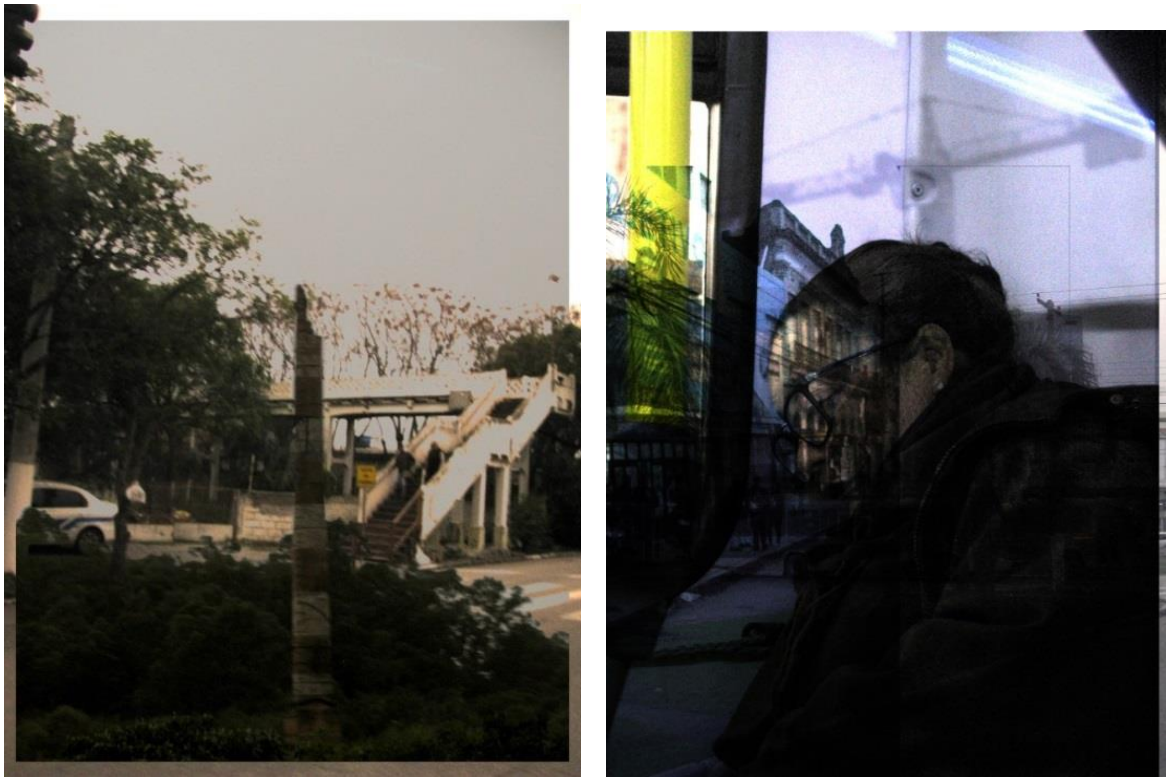


Figura 7 e 8. Pedro Elias Parente. Sobreposições de tempos. Edição digital, lamina de acetato, impressão a jato, 21 x 29,7cm, 2018. Fonte: Acervo do Artista.

Jahan Leão

Cacos de um passeio de ônibus

Sons e sombras podem se espalhar ou esconder quando o olhar é apressado. Assim como o tempo, que calado, sentado em um banco de ônibus finge que não interfere no destino humano e suas relações íntimas com as coisas não humanas. Esse senhor dos passos, dos deslocamentos, é capaz de um riso discreto, quando alguém tentar capturar suas cores em um dispositivo tecnológico. Os infinitos cinzas que descem das nuvens e se esparramam pelo asfalto úmido, cobrem telhados e abraçam árvores e casacos de inverno.

Instantes de comunicação invisível entre as coisas, pneus que cantam árvores, que cobrem calçadas com tapetes de folhas alaranjadas, que convidam sapatos para desfiles imaginários, em lugares que só as janelas ao serem filmadas suspiram quase em segredo seu endereço.

Os atravessamentos que a linguagem do vídeo permitem, me levaram a captar imagens em tempo real no segundo evento de deslocamento que realizamos. Com a câmera apontada da janela do ônibus para a rua, foram então geradas 01 hora e 47segundos de registro de áudio e vídeo.



Figura 9. Leão Jahan. Freme do vídeo da série AUMAA Ente 4
Vídeo disponível em: https://drive.google.com/open?id=1kGOmHppQKfvG8RJmOVSo-uEbhJ0XeOzX

Duda Gonçalves

(A) VISTA PASSADA – A CIDADE VISITADA



Figura 10. Duda Gonçalves. Rua de complementares. Fotografia. Fonte: Acervo da artista

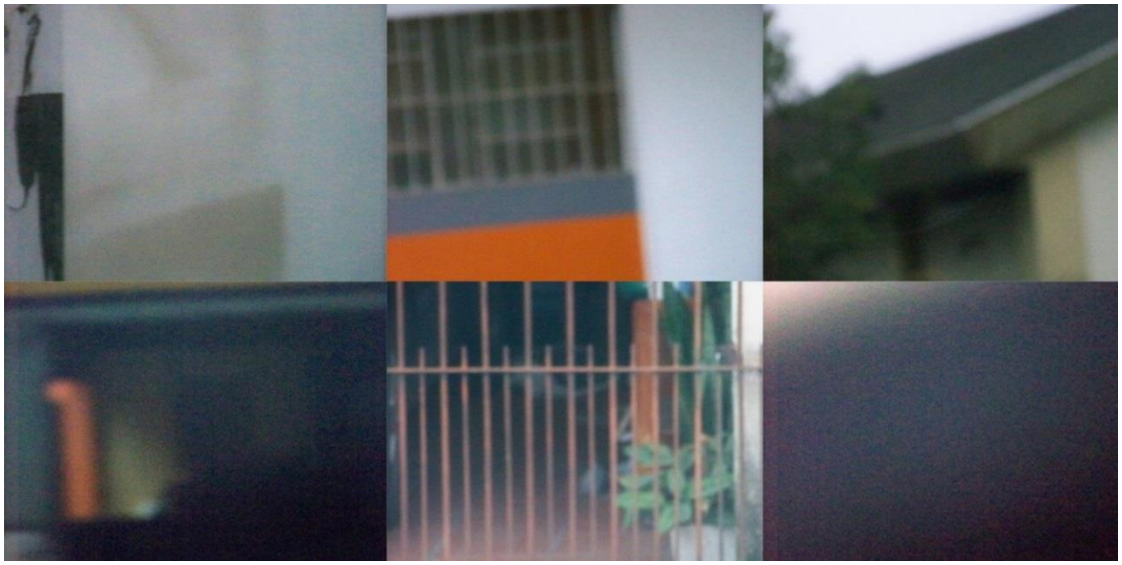


Figura 11. Duda Gonçalves. Rua de pontos alaranjados. Fotografia. Fonte: Acervo da Artista Duda Gonçalves

Ao embarcar no ônibus meu intuito era observar, olhar para a Pelotas nunca vista, e ao mesmo tempo em que eu fixava o que a janela enquadrava sucessivamente, acionava a máquina fotográfica digital. O olho direcionava a atenção as texturas presentes na pele das casas caiadas, chamuscadas pelo cimento, em madeiras desbastadas pelo tempo, em cores vivas e outras cinzentas marcadas pela umidade climática de Pelotas. A máquina, sem o olho acionava o que o gesto do dedo captava. Ou seja, apontava a câmera digital para o que não conseguia ver. A intenção era poder apreender a vista em movimento, aquela menos atravessada pelo olhar focado e a partir disso acolher as massas de cor, a densidade das crostas das coisas perpassada pela atmosfera que junto a experiência do deslocamento imprime uma percepção passageira. Por fim, uma multiplicidade de quadros compõe a paisagem continua que o ônibus ativa. Foram captadas 232 imagens de uma câmera digital localizada sobre o ombro e apontada a cena enquadrada pela janela. As imagens são colocadas lado a lado (Figura 10 e 11) em conjunções variadas constituindo rotas, reinventando a rota do ônibus, por meio das fotografias que unem as sucessivas construções, pessoas, coisas, nuvens por relações formais e cromáticas. A solidez das casas, os corpos concisos são revelados em cores e texturas borradas que representam a diversidade que se interpõe ao olhar e na mesma hora se torna fugidia.

Adriane Corrêa

Adentro ao ônibus, um espaço que me é familiar. Pelo corredor brinco em zanzear entre corpos, driblando com a palavra “com licença” e, ao mesmo tempo tentando manter o equilíbrio no sacolejo do ônibus. O próprio movimento me empurra para o assento. Concomitantemente, meu olhar percorre o último banco, o assento do lado da janela, de onde posso observar os movimentos e ações que o trajeto de cada passageiro(a) irá compor até a sua parada obrigatória: descer ou subir.

Um homem observa os outros pela lente da câmera a rua, os passageiros, o entra e sai, o ônibus e seu trajeto. Com seu outro olho não miram as pessoas, mas, os espaços que circundam o trajeto, ocupados pelos passageiros(as) que estão na rota do ônibus. Ele foca e desfoca na paisagem das ruas e ruelas, dos bairros que são delimitados pelas condições sociais. (Figura 12). Há um gesto de curiosidade no homem. O homem não se vê observado. Observa. Seus gestos e suas mãos se movimentam na mesma rapidez que seu olhar e corpo quando algo não é captado pela máquina fotográfica. Ele busca a imagem que o percurso do ônibus já deixou para trás. Seu corpo se contorce tentando imitar a mesma velocidade percorrida pelo ônibus. Não tem clique. O homem apenas observou. Sento atrás dele e na tentativa de imitar seu gesto, o observo. Pauso seu movimento (Figura 13).





Foto 12 e 13. Adriane Corrêa. Deslocc. Arte/Rolê do buzão. Pelotas junho de 2018:
Fonte: Acervo da Artista.

Juliana Chacon.

Estava nublado às 08:05h da manhã quando adentramos o ônibus, logo meu interesse se fixou no espectro sonoro[1]. Este fazia uma dança na tela do aparelho em que captava a sonoridade do movimento. Assim se iniciou meu processo. A captação da sonoridade do ambiente é revisitada com a atenção ainda mais aguçada aos ruídos nada uníssonos do ambiente que me circundava. Cada som tem sua unicidade e é a partir dela que investigo a paisagem sonora[2].

A imaterialidade do som me conduz a produzir gestos lineares sobre papel para de alguma forma representa-lo. Surge então o trabalho *Sem título - número 5,* (Figura 14 e 15) que sai do papel para objeto na parede, construído por pregos e linha preta que se cruzam e tramam na horizontal uma frequência sonora[3], o acompanha uma reprodução do áudio captado que pode ser lido através de código QR[4] (Figura 16). A intenção de explorar o som é para aprender a "ver" o mundo com outros olhos, me interessando a imersão e o acesso a lugares onde não é possível estar fisicamente presente. A sonoridade colabora com a memória, desencadeia fatos e revive acontecimentos ligados à lembrança, segundo Dr. Aidan Horner, do Instituto de Neurociência Cognitiva.

Lentamente a percepção desses sons contribui para a captação de ainda mais detalhes que anteriormente eram apenas barulhos. Sinfonias se formam com os mais variados e despercebidos ruídos que reúno em uma nova composição.

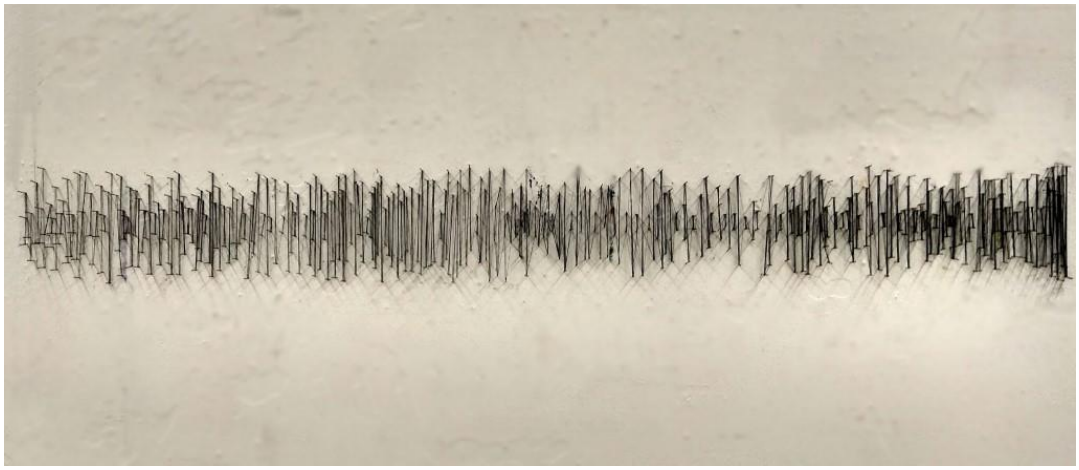
---

[1] Espectro sonoro é o conjunto de todas as ondas que compõem os sons audíveis e não audíveis pelo ser humano;

[2] Paisagem sonora é um conceito com origem na palavra inglesa "soundscape" e que se caracteriza pelo estudo e análise do universo sonoro que nos rodeia.

[3] Frequência Sonora é o número de ciclos de uma onda sonora, por segundo;

[4] Quick response - código bidimensional escaneado por telefones celulares com acesso à internet.



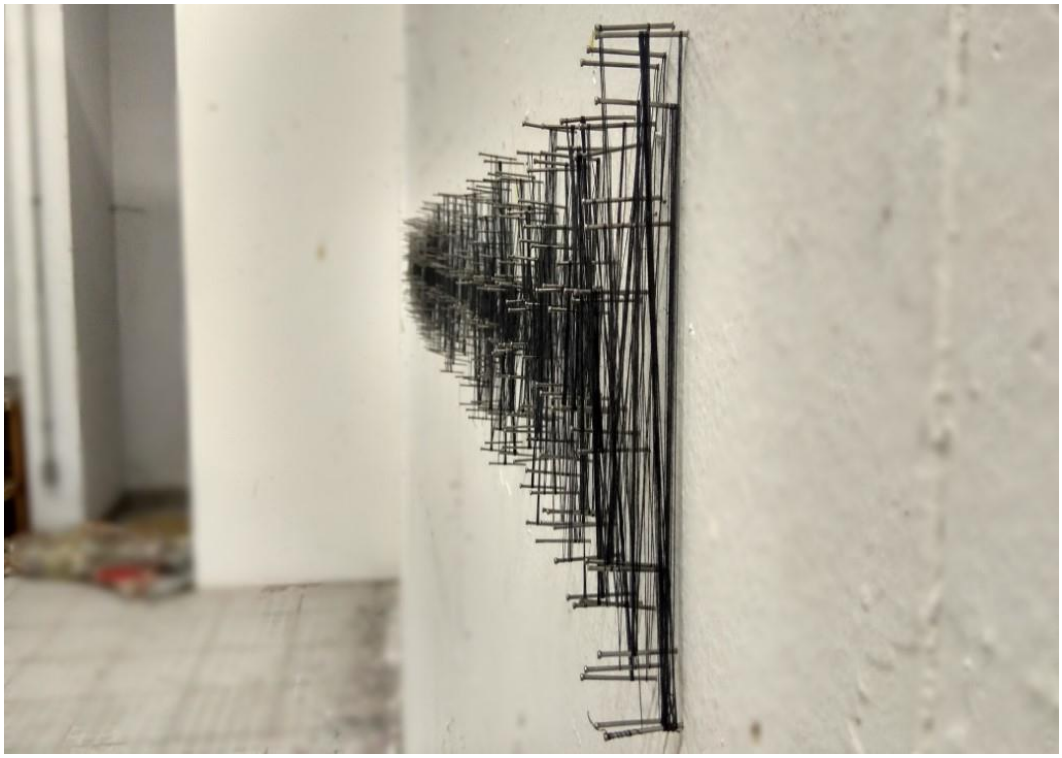


Figura 14 e 15 Sem título - número 5/2018

Figura 16 Código QR do trabalho *Sem título - número 5/2018*

Conclusões:

Experienciamos através desses deslocamentos novas percepções a cerca da cidade, que desencadearam questionamentos e afetamentos. O deslocamento de ônibus foi o mote que nos fez pensar e compartilhar a cidade de maneiras diversas. Enxergamos no ônibus mais que um veículo de transporte, mas também um dispositivo político e que pode disparar os mais diversos processos de arte. Utilizando ele como um meio para pensar o deslocamento e a arte, buscamos modos de criar desvios, de levar a arte até o cotidiano e de trazê-lo para o contexto da arte. Deste modo, fomos além de uma produção e prospecção "fechada" em atelier e criamos arte diretamente no cerne do cotidiano.

Referências:

BERGSON, Henri. *Matéria e memória:* ensaio sobre a relação do corpo com o espírito, São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

BAUDRILLARD, Jean. *O sistema dos objetos.* Coleção debates. São Paulo: Perspectiva, 2012.

BRANDÃO, Ludmila. Deslocamentos contemporâneos: notas sobre memória e arte. Cienc. Cult. vol.64 no.1 São Paulo Jan. 2012. (Arquivo digital) Disponível em:

http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252012000100020

HAN, Byung-Chul. *Sociedade do Cansaço***.** São Paulo: Vozes, 2015.

SCHÖPKE, Regina*. Dicionário filosófico*: conceitos fundamentais. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

BENJAMIM, Walter. *O narrador***.** In: BENJAMIN, Walter. Magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, 2000.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano* - 1. Artes de fazer. Petrópolis, RJ : Editora Vozes Ltda, 2014.